

BOLETIM

O GABELENSE

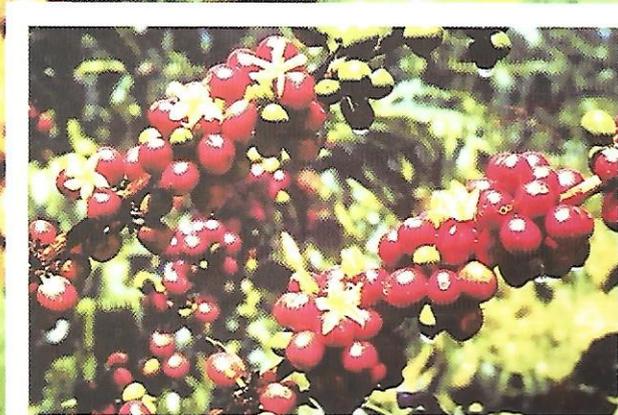
ASSOCIAÇÃO dos NATURAIS EX-RESIDENTES

AMIGOS de GABELA

Rua António de Gouveia, Lote 16 - PC 19000 LISBOA

Tel. 21 84 2323

foto de Acácio Oliveira - Manuel Oliveira



EDITORIAL

TEMPO PARA MEDITAR

É mais um EDITORIAL para juntar aos anteriores. Será o EDITORIAL dos editoriais? Um pedido de meditação? Uma previsão? Ou um momento de ansiedade?

Boa pergunta. Nós próprios nos interrogamos quanto ao futuro, perante as mutações e adversidades que ocorrem em todo o mundo...

Como se repercutirão em Portugal?

Boa pergunta. Nós próprios temos dúvidas face aos acontecimentos que se sucedem em todo o mundo...

Para o bem e para o mal, também se

reflectirão em Portugal. Disso estamos certos.

Sem alarmismos, mas como advertência, sentimos que o período que mediará do último trimestre do ano que vai findar, 2000, e do primeiro trimestre do ano que se iniciará, 2001, haverá surpresas.

No nosso País, no Portugal dos pequeninos, dependeremos, para além das transformações que se operarem no mundo, sobretudo da aprovação do orçamento para a nova legislatura; das eleições legislativas e presidenciais e, depois e muito, da coragem e vontade dos políticos eleitos; dos preços dos combustíveis e do barril do petróleo, das taxas de juros e suas oscilações cambiais, bem como dos câmbios da moeda única e ou do escudo face ao

dólar. Enfim dum sem número de "senãos"...

É pois tempo de reflexão.

Só depois poderemos organizar e ponderar, para decidir das nossas vidas - da vida de cada um - para investimentos e ou planear as nossas férias que são, para já, uma incógnita.

Aguardemos os resultados, em relação às dúvidas, para tomarmos as grandes decisões.

Quando este artigo chegar ao conhecimento público, parte das dúvidas serão certezas. Um conselho:

Estamos na hora das expectativas...

Programa e pondere em 2000 e decida-se em 2001.

Faça a sua reflexão antes de se decidir.

A Direcção

Índice

Ai ué Gabela	3
Pelouros e Poleiros	4
Pela positiva: vamos sonhar	5
A Gabela em Mogofores	7
Capim	9
Ementas tradicionais angolanas	22
Homenagem a Amália	23
Camape	Última Página



CAFÉ EM FASE DE AMADURECIMENTO

FICHA TÉCNICA

Boletim
"O GABELENSE"

Propriedade: Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, lote 16 – 7ª C – 1900 LISBOA – 21.848 23 23

Redacção: Todos os Gabelenses

Composição Gráfica e Paginação: Elsa de Almeida

Periodicidade: Semestral

1ª página e Impressão: Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

AI UÉ GABELA

São Marques



Quem sou? Ninguém! Ou melhor, alguém que cresceu na Gabela e ainda sonha com ela. Sou a São Marques, nasci na CADA, onde o meu pai foi motorista durante algumas dezenas de anos.

Em breves pinceladas, dir-vos-ei quais os caminhos que tomei. Como muitos, outros vivi a guerra de 1975 e, como muitos outros, segui para o Huambo (ex-Nova Lisboa) e enquanto esperava a minha vez na ponte aérea, servi como voluntária na Cruz Vermelha (como é bom esquecermo-nos de nós próprios!). Finalmente, parti para o "Puto" (Portugal) e chorei a minha terra durante muitos meses. Assim que atingi a maioridade e pude pagar uma mala, dirigi-me à Embaixada de Angola e pude, enfim, regressar num avião de refugiados. Julguei-me, então, prisioneira da DISA, como todos os que seguiam naquele avião. Preenchi tantos inquéritos, mas por fim libertaram-me e empreguei-me na DIAMANG, em Luanda, na contabilidade. Conheci, então, o meu marido, também trabalhando na DIAMANG e casei na Embaixada Portuguesa – ele português, eu angolana. Voltei a Portugal para ter o meu filho mais velho, Flávio, hoje com 19 anos, e com excepção de quatro ou cinco vezes que lá fui de férias, não permaneci mais de 45 dias de cada vez em Angola, cada vez mais distante... Entretanto, tive outro filho, o Daniel, hoje com 15 anos, licenciou-me em Geografia na Faculdade de Letras de Coimbra e dou aulas ao 3º Ciclo. O meu marido por lá permaneceu ainda,

presentemente no Namibe (Mocamedes).

Nós, professores, usamos por vezes certos subterfúgios para reter a atenção dos alunos. Quando pergunto "querem ouvir uma história das caçadas do meu pai em África?", a resposta unânime é afirmativa e a atenção completa.

E são verídicas estas histórias. Querem saber uma?

Certo dia, o Marques foi incutido de trazer um trabalhador de uma das fazendas da CADA, que havia ficado perturbado (maluco!). Mas como era habitual, pelo caminho aproveitou para caçar. A certa altura, o ajudante localiza com o farolim um veado junto à estrada. O meu pai dá-lhe um

tiro, o veado cai e fica a estrebuchar. O maluco salta do camião e agarra-se ao veado. O meu pai nem teve tempo de intervir, pois o veado arrancou levando o maluco agarrado ao pescoço. Aí, o Marques ficou aflito... Como iria justificar como perdera o trabalhador pelo caminho? Parte então no encalço do animal, seguindo as pistas de sangue e, por fim, encontra o maluco pendurado numas silvas. O veado "furara" numa zona densa e o maluco ficara. O meu pai respirou de alívio ao verificar que nada de mal aconteceu ao maluco, apesar deste estar todo cheio de sangue do veado.

Desculpem, mas não me alongo mais; tenho muitos testes para classificar. Até à próxima.

DEZEMBRO 2000

ANO 2001

Festas Felizes... 2000

Boas Entradas... 2001

Gabelenses:

Para todos um Natal feliz com muitas prendas e que o ano novo traga boas surpresas e muitas prosperidades

são os votos da Direcção

Opinião

PELOUROS E POLEIROS

ELES “HÁ-DEM” EM CATADUPLA

Jorge Domingues

Este título parece confuso mas traduz as motivações e a categoria da classe política. Pelouros traduz a quantidade de cargos existentes: Ministros, Secretários de Estado, Secretários de Estado Adjuntos, Adjuntos de Secretários de Estado, Assessores, Governadores, Coordenadores, Presidentes, Vice-Presidentes, etc.. Poleiros, os cargos que têm que inventar.

Lembram-se do Ministério da Igualdade quando sabemos que a Lei que nos devia reger se deveria basear exactamente no direito à diferença?

“Eles há-dem em catadupla”, foi dito por um ministro do Governo socialista, figura de proa da intelectualidade portuguesa. O que me faria a minha saudosa professora primária, D. Maria do Carmo, se eu desse tamanho erro na 3ª Classe?

Está na moda, é politicamente correcto fazer-se a defesa das minorias, mas não de todas. Defendem-se os direitos das minorias dos grupos étnicos, dos grupos religiosos que proliferam e enriquecem à custa dos incautos mas só se for politicamente correcto. A democracia é válida e um valor inalienável, por isso pode haver partidos de extrema esquerda que defendem a legalização da droga, o aborto, a pena de morte eu sei lá; mas na Áustria em que houve eleições e um partido dito da direita, ficou com representação parlamentar há que aplicar sanções, fazer

boicotes porque democracia sim, mas desde que ganhem as cores deles.

Tive oportunidade de visitar o último salão automóvel de Paris, em que se vem carros conceituados, marcas consagradas a preços acessíveis; é fácil encontrar-se um carro de luxo por oito mil contos. Em Portugal, o mesmo carro custa cinco vezes mais caro. É imoral que um País que não tem qualquer despesa na produção do automóvel ganhe muito mais que o construtor. E não é tudo em Portugal quem tem carro paga para andar, paga para passar, paga para circular, paga para estar parado e paga mais impostos resultantes das inúmeras multas que lhe aplicaram ao longo do ano.

Nos últimos Jogos Olímpicos, Portugal trouxe duas medalhas de Bronze.

Infelizmente, nos jogos para deficientes somos sempre melhores. Mas como pode haver atletas para jogos quando a política é subsidiar os incapazes.

Ele é o rendimento mínimo garantido para quem não quer trabalhar e impostos asfixiantes para quem trabalha. Ele é o apoio a toxicod dependentes, oferta de casas a uns e taxas altíssimas a outros.

Está bem, mas sei de uma jovem ginasta com grande potencial que ao deslocar-se à Suécia a um campeonato teve de pagar a viagem e a estadia; foi, ganhou e desistiu; quem tem ajudas de custo são os treinadores ou os jornalistas.

A reforma do ensino foi brilhante.

Acabaram com o ensino técnico, nivelaram

tudo por baixo e temos hoje uma população universitária de analfabetos. Isso da história, tabuada, geografia, matemática não interessa nada. É de rir mas devia fazer chorar assistir a concursos na televisão que revelam a completa ignorância em que toda uma geração mergulhou. Não têm sequer a noção histórica da época em que vivem.

As Municipais têm uma verba que devem “TORRAR” num ano, correndo o risco de receberem uma verba mais baixa se não o fizerem. Esta noção de economia eu não tenho, mas percebo porque muitos trabalhos camarários são como chover no molhado. Abrem e tapam valas, fazem e desfazem jardins, mudam de mobiliário várias vezes, admitem pessoal no estilo um a fazer e dez a ver. Reparem como é verdade.

Amália Rodrigues vai ser trasladada para o Panteão Nacional onde estão os heróis portugueses. Apesar de ser uma cantadeira e pessoalmente admirar muito Amália, não sei se será correcto, porque vai ocupar espaço e não sei depois onde colocarão Mário Soares, Almeida Santos, Eusébio, Costa Gomes, Otelo de Carvalho e tantos ilustres portugueses.

Para terminar e após visitar Vila Viçosa, o último palácio onde D. Carlos I esteve antes de ser assassinado, pergunto qual o benefício que a República trouxe. Os reis, começaram no Condado Portucalense, construíram Portugal, criaram um Império imenso. A República, em meia dúzia de anos, reduziu Portugal à expressão

mínima, com a regionalização quase reconstruíram o Condado Portucalense; mas lá chegaremos; já somos outra vez vassallos da Espanha e acredito Portugal venha a ser uma monarquia e o próximo rei seja o príncipe das Astúrias.

Foi inaugurado um monumento aos mártires do ultramar. À data da inauguração não houve figuras da política Nacional presentes, como se os heróis tombados caíssem por opção própria. Houve quem tivesse desertado e são muito desses desertores que são hoje as figuras do topo na política Nacional.

O paralelo que queria estabelecer e que é motivo de reflexão, resulta do facto que o responsável por muitas desses mártires o antigo presidente da Guiné, esse sim, é tratado como um herói. Está exilado em Portugal, pago pelo Governo, com uma vivenda de luxo com piscina, court de ténis e um tratamento VIP.

Continuam a ser padraços para os filhos e pais para os enteados. Coitados deles e coitados de nós também.

Numa próxima oportunidade falar-vos-ei da Justiça. Agora sim como se explica que não estando Portugal em guerra, o orçamento geral do Estado contempla sempre o Ministério da Defesa com verbas que são superiores à da Saúde, do Ensino, da Habitação... juntas!!!

No tempo da dita Guerra do Ultramar a despesa era muita. Hoje é maior, não há guerra, ninguém reclama. Eu não percebo, mas se calhar também não é para perceber.

PELA POSITIVA: VAMOS SONHAR MÃOS À OBRA... VAMOS CONSTRUIR UMA OBRA PARA TODOS

Silva Carvalho

Bem tento comunicar, transmitir os meus pensamentos, ansioso de estancar uma catadupa de ideias que afloram à minha mente, desejoso de transmitir a todos, na ânsia de fazer algo que venha a beneficiar todos os gabelenses, àqueles que, como eu, em idade avançada, começam a sentir que o tempo escasseia, não corre a nosso favor para grandes realizações a prazo, tão pouco a médio prazo...

É, aliás, um sonho que acalento e venho tentando transmitir de apoio, que não tem feito eco entre os gabelenses, talvez porque a distância e falta de contacto o tem impedido.

Porém, já se perdeu muito tempo, não desisto e a esperança mantém-me confiante e ciente que a curto prazo ainda poderemos executar uma obra que justifique a criação da nossa Associação, beneficiando todos e muito em especial os mais idosos, que já somos muitos.

Foi muito fácil escrever, ou direi mesmo conversar convosco, recordando os melhores tempos das nossas vidas, em que todos, sem excepção, nos empenhamos para ser úteis e talvez indispensáveis, para construir a terra que deixamos e donde viemos para nos fixarmos numa terra que, para muitos, até era desconhecida. As coisas do tempo do kaparandanda já lá vão esfumando-se das nossas mentes à medida que o tempo passa; já lá vão 25 anos desde que cá chegamos. Foi bom recordar, reviver, mitigar saudades do tempo que, para muitos, foram os mais longos de suas vidas.

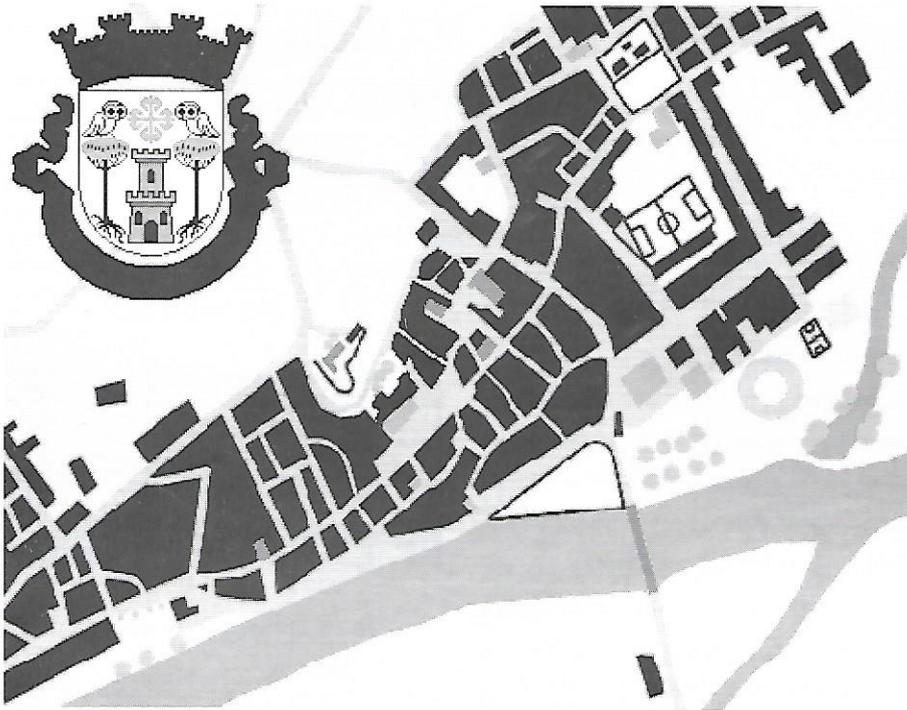


uma vida organizada e alicerçada em muito trabalho e mais do que isso de imenso sacrifício e muita perseverança, para construir uma estabilidade que em escasso tempo foi destruída e negada, obrigando-nos ao abandono de tudo o que levou anos de vida de privações, na edificação de um futuro destróçado.

Aqui chegados, foi uma nova luta de muito mais trabalho e de afirmação para, de novo, vencermos os escolhos que, ao longo dos anos, e já lá vão 25, foram aparecendo.

Penso que chegou a hora de escrevermos sobre o presente, do que foi a vida dos gabelenses nestes vinte e cinco anos de labuta e vivência em Portugal. Das dificuldades que se tiveram de vencer para de novo recuperar uma vida que se iniciou do nada.

O meu sonho é poder prestar esta homenagem aos gabelenses que se espalharam por todo este Portugal do Minho



ao Algarve, para reiniciar uma nova etapa de suas vidas que muitos, com imenso sacrifício, conseguiram recuperar e firmar-se numa sociedade que em nada facilitou a nossa integração. Estamos cá e vencemos. É isso que farei em contacto pessoal que vou fazer após um périplo pelo País, onde terei o prazer de reencontrar muitos que conheci e que como eu viveram no Amboim, onde constituímos família e nos ligamos à Gabela fazendo-a Cidade, uma bela cidade, que todos amámos como se de nossa terra tratasse e, cá, conseguimos através da nossa Associação (em boa hora criada), perpetuar com dignidade.

Porém, eu continuo a sonhar. A sonhar com

um lugar em que, na velhice nos possamos reunir na intimidade e tranquilamente continuar a viver de recordações da terra que amamos e, em serões longos reviver bons tempos em conversa amena e amiga, tranquilos e confiantes, construindo algo que nos dignificará e servirá de exemplo como prova do nosso querer.

Eu continuo a sonhar, a querer compartilhar dessa companhia com muitos (todos) os gabelenses, convivendo e auxiliando os que começam já a viver na solidão pela perda de entes queridos mais próximos, ameaçados pelo isolamento da velhice sem amparo ou calor humano.

Como referi eu quero criar a "A FUNDAÇÃO GABELENSE" e com ela um Centro Cívico, que englobe uma Estancia de Lazer onde, novos e velhos coabitem, se ocupem e possam conviver e continuar a ser válidos à sociedade em que nos inserimos, não por caridade, mas como pretendo dignificados e produtivos como sempre. Seria um centro de lazer e de ocupação numa área tranquila onde, ocupados, pudéssemos viver em paz e sossego. É um embrião de uma ideia que, prometo, pessoalmente irei transmitir em

contactos pessoais que farei para angariar participantes e que no próximo mês de Junho de 2001, no nosso Encontro, pretendo expor a todos os presentes num trabalho em que me empenharei e dedicarei do coração, para convencer os mais renitentes.

Desejo e prometo que faremos uma obra que nos dignificará pelo espírito de solidariedade que temos de dedicar àqueles que, embora carentes, e são muitos, têm o direito de viver uma velhice digna e apoiada por aqueles que a sorte favoreceu.

Neste período do ano em que a solidariedade está no espírito de cada um de nós, apelo à boa vontade de todos os gabelenses, possíveis patrocinadores, que me ajudem a construir uma obra que irá perpetuar o espírito de união que nos distinguiu na terra onde nos conhecemos.

Apelo a todos e em especial àqueles que em mim confiam e podem ajudar-me..

Foram-me propostos 21 000 metros quadrados de terreno em Coruche onde, a preço módico, poderemos erguer essa obra, que será por todos compartilhada, incluindo uma obra social - Lar de Idosos, para além de um Centro de Jovens e uma unidade turística de rendimento que suportará os custos da manutenção da obra social, incluindo um Hotel de Campo e ou Pousada Rural e serviços inerentes de lazer, como centro de atracção turística e muito em especial de rendimento para todo o complexo.

TENHO UM PLANO E SE QUISEREM AJUDAR-MECONTACTEM-ME.

Só, fracassarei, mas com a vossa ajuda e confiança criaremos algo que nos orgulhará.

A "A FUNDAÇÃO GABELENSE" tem de ser uma realidade...

A GABELA EM MOGOFORES



Artur Neto Gonçalves

A primeira vez que compareci à reunião dos ex-habitantes da Gabela fiquei espantado: com a organização, e com o grande número de participantes. Reparei que tudo estava muito bem organizado e que o bairrismo ou sentimento que une todos os que nasceram e viveram numa determinada localidade – no caso vertente na cidade da Gabela, estava bem vivo no espírito de todos.

Há quem fale em saudosismo em termos negativos, mas este saudosismo é tão são e reconfortante como aquele que faz reunir os habitantes de uma qualquer aldeia ou concelho do nosso país e estão constituídos nas Associações chamadas "Casa do Concelho", que pretendem despertar e manter o espírito associativo daqueles que nasceram e cresceram na

mesma terra e dela tiveram que sair em busca do seu pão.

É curioso notar que a Gabela era uma cidade muito especial - assim comparada a uma qualquer aldeia da província. Neste sentido: que, sendo uma cidade pequena, toda a gente se conhece e se fala, todos convivem uns com os outros, frequentam os mesmos espaços abertos e fechados e todos se relacionam por laços de quase familiaridade.

É com estes sentimentos fortes que vivem em grau elevado dentro de ca+da gabelense que se alimenta a reunião anual em Mogofores - um espaço quase diria sagrado com todas as condições para servir de palco a uma reunião deste tipo. Lembrem-se os que já partiram definitivamente e estabelecem-se laços afectivos que servem de lenitivo para os combates do dia a dia com as mais

variadas circunstâncias da vida.

Há três anos, resolvi estar presente em Mogofores na reunião dos gabelenses. Pedi à minha filha mais velha que me acompanhasse. Chegámos antes da Missa e apresentei-me à única pessoa que conhecia - o senhor Silva Carvalho que me recebeu com aqueles sentimentos que se costumam dispensar aos amigos. À hora do almoço, puxámos do nosso farnel e sentámo-nos na mesa deste senhor. Já antes tinha feito uma inspecção geral e os meus olhos só viam gente desconhecida. Podia lá ser eu não identificar nenhum dos meus ex-alunos ou ex-alunas dos anos 70! Mas a verdade era que não consegui identificar ninguém. Confesso que foi um grande choque e uma não menos decepção. Em face disto, pouco depois do almoço, regressamos a casa, eu

desconsolado e triste. Mas devo dizer que, apesar de me sentir estranho, não me deu vontade de sair do anonimato em que estava. Afinal, a culpa era toda minha!

Mas este ano foi diferente. Cheguei acompanhado do meu filho que me largou no local da reunião, a meu pedido e eu quis ficar ali sozinho, na esperança de que as coisas corresse de modo diferente. Logo que cheguei, - ó caso impensado e reconfortante! - veio ao meu encontro uma minha ex-aluna do Liceu que, apesar de terem decorrido 26 anos, teria ela, na altura, os seus 16 anos, me reconheceu imediatamente. "- O senhor não é fulano?" - Eu respondi imediatamente que sim. Eu lembrava-me perfeitamente da Maria Fernanda Matos, - foi uma das pessoas que me ficou para sempre gravada na minha retentiva com os traços perfeitos. Mas se ela me reconheceu assim tão facilmente, - eu não teria mudado assim tanto, - não seria capaz de a reconhecer.

Dirigi-me, em seguida, a apresentar os meus cumprimentos ao senhor Silva Carvalho e a partir daqui foi uma festa, só interrompida - primeiro, pela celebração da Missa e, depois, pelo almoço na mesa do senhor Silva Carvalho que me não esperava e me manifestou o seu contentamento. Eu não quis preveni-lo da minha ida, não fosse acontecer, como foi o caso, segundo me contou, daquela gabelense que telefonara de véspera a avisar da sua presença e não compareceu, nem avisou. E o pior foi o pobre do leitão ali deitado à espera de ser comido - até ele teria sofrido uma decepção! Isso não se faz, mesmo a um inocente leitão! Não tardou que ela me apresentasse a muitas outras e outros ex-colegas dos nossos tempos da Gabela. Devo dizer que não me lembrava de algumas caras mas de outras lembrava-me bem.

Todos se mostraram agradados com a minha presença, e eu não menos na presença deles e delas. Conversámos imenso, mostrei um álbum de fotografias dos seus tempos dos verdes anos, lembramos cenas desses tempos, trocaram-se direcções com vista a uma reunião futura. Dali a pouco, o número de ex-alunos e ex-alunas passava dos vinte e depressa se juntaram outros da Escola Técnica. Aliás, as fotos dão a imagem do número de participantes conhecidos. Numa das fotos está o grupo do Liceu; na outra o mesmo e vários alunos/as da Escola Técnica - os nossos simpatiquíssimos vizinhos.

A todos eu mando daqui um 'saludo' muito afectivo e desejo que sejam muito felizes em suas vidas.

Agradeço a recepção que os meus ex-alunos e ex-alunas me dispensaram, bem como a simpatia dos ex-alunos da Escola Técnica. Que todos sejam muito felizes e quando, no ano 2001, nos encontrarmos em reunião a combinar, revivamos num clima de alegria e fraternidade.

Ao senhor Silva Carvalho e, na sua pessoa, a toda a direcção da Associação, bem todos os gabelenses presentes, o meu muito obrigado.



1ª Fila

(da esquerda para a direita)

- Graça Baptista
- Amélia Barcelos
- Fernanda Matos
- Beto Alves
- Adriana Ferreira
- Isabel Nogueira (Belinha)
- Teresa Oliveira
- Teresa Ferreira

2ª Fila

(da esquerda para a direita)

- Teresa Oliveira
- Chico (banana)
- Isabel Matos
- Lídia Simões
- Rosa Castelão

Ao centro (sentado)

Artur Neto Gonçalves (Reitor)

CAPIM

Luís de Sousa

“A verdade é só uma: Rádio Moscovo não fala verdade!”.

Assim era a verdade que, ao tempo, a Emissora Nacional difundida aos quatro ventos.

E se porventura a Rádio Moscovo falava verdade, era apenas e tão-só a verdade das conveniências e dos interesses.

Não era, por certo, a verdade absoluta que os católicos dizem contida na palavra de Deus. Não era, por certo, a verdade absoluta traduzida em termos de correspondência plena entre a percepção e o objecto percebido.

Não era, por certo, a verdade relativa dos Homens; a verdade da coerência; a verdade inferida de proposições dadas como verdades adquiridas na observância estrita das regras da lógica aristotélica ou mesmo das da dialéctica expressa na síntese da tese e da antítese. Não era, seguramente, a verdade dos princípios e dos valores, aquilo que, em suma, dignifica o Homem, distinguindo-o da besta.

Era a verdade prostituída e “avacalhada”, deles e só a deles tal-qual como hoje vemos e ouvimos por aí, quer a nível nacional quer a nível internacional, não deste ou daquele, mas de todo e qualquer um quadrante político sem excepção. Era a verdade das

conveniências e dos interesses. Era, e é, a verdade dos Americanos e das americanices, dos rambos; a verdade do mais forte a que alguns chamam, prosaicamente, a verdade do pragmatismo.

É, pois, assim e não de modo diferente que, mau grado, se passam as coisas na despudorada politiquice dos politiquieiros dos nossos dias. Politiquieiros da politiquice dos nossos dias, muitos dos quais, afinal, viviam, antanho, em perfeita sintonia com a verdade de Rádio Moscovo. Aquela mesma verdade de que, paradoxalmente, os Americanos propagandeiam e vão propalando por tudo quanto é sítio acolitados pelo culto



da massificação, senão mesmo da mediocridade tão bem assimilada pelo país das "pimbalhadas", dos zé-marias" e das "tinalhadas" de "rãs" a coachar.

A sanha assassina que assolou Angola em 1961 e se arrasta, implacavelmente, até aos dias que correm, foi urdida, ao que se oferece a quem quer ver e ouvir despreconceituadamente, lá longe, na "estranja", satisfazendo, muito particularmente, as conveniências e os interesses dos Americanos e dos Soviéticos e não, por certo, no interior daquele que foi o mais próspero, o mais grandioso e o mais belo território ultramarino português.

Com efeito, depois da Segunda Guerra Mundial, as grandes potências europeias, designadamente a Inglaterra e a França, acabaram destroçadas e, conseqüentemente, incapazes de manter as colónias sob a sua égide.

Daí o surto de independências: do Oriente a África.

Portugal não participou directamente na Guerra, razão pela qual, afinal, pôde manter intactos os seus territórios, aquém e além mar.

As riquezas incalculáveis que jaziam no solo e subsolo dos territórios ultramarinos portugueses, particularmente em Angola, cedo despertaram a inveja e a cobiça de muitos outros países. E essa mesma cobiça que faz com que o povo angolano, que nunca soube o que era fome nem doenças daquelas que hoje por lá campeiam e abundam sem par, se veja, na Angola

independente, atirado, de rojo e sem a mínima réstia de dignidade, para o mais hediondo dos sofrimentos que pode atingir a humanidade: a fome.

Enquanto outros, oportunistas sem escrúpulos, vivem, pelo "povo" e para o "povo", gordos, anafados e luzidios.

Dado o estado deplorável em que ficaram as estruturas político-económicas, jurídico-políticas e político-sociais da Europa em resultado da Guerra, pouco sentido faria, mormente a olhos de energúmenos, que um país tão pequeno quanto Portugal ousasse manter-se incólume sob as vagas altaneiras daquilo que se dizia serem os "ventos da História".

Por isso, para tais energúmenos de índole farisaica - paladinos da "liberdade", detentores da verdade cozinhada pelos fazedores da opinião pública no conforto das capitais europeias - foi coisa de pouca monta insuflar a ideia da libertação dos povos e atirar uns contra os outros em lutas fratricidas, explorando, por intermédio de joguetes, como um tal Holden Roberto que se diz angolano, mas que vivia e sempre viveu no antigo Congo Belga, ora os sentimentos nacionalistas aqui, ora os sentimentos tribais ali, ora os sentimentos religiosos, ora os sentimentos racistas, ora os sentimentos "revanchistas", ora, acolá, os sentimentos anti-colonialistas, tudo assim em prol não da humanidade e do humanismo de que, hipocritamente, tanto se fala e propaga, mas sim em prol da rapina e exploração dos pobres e desafortunados.

- De qualquer das formas, uma verdade

é certa: o preto não gosta de trabalhar!

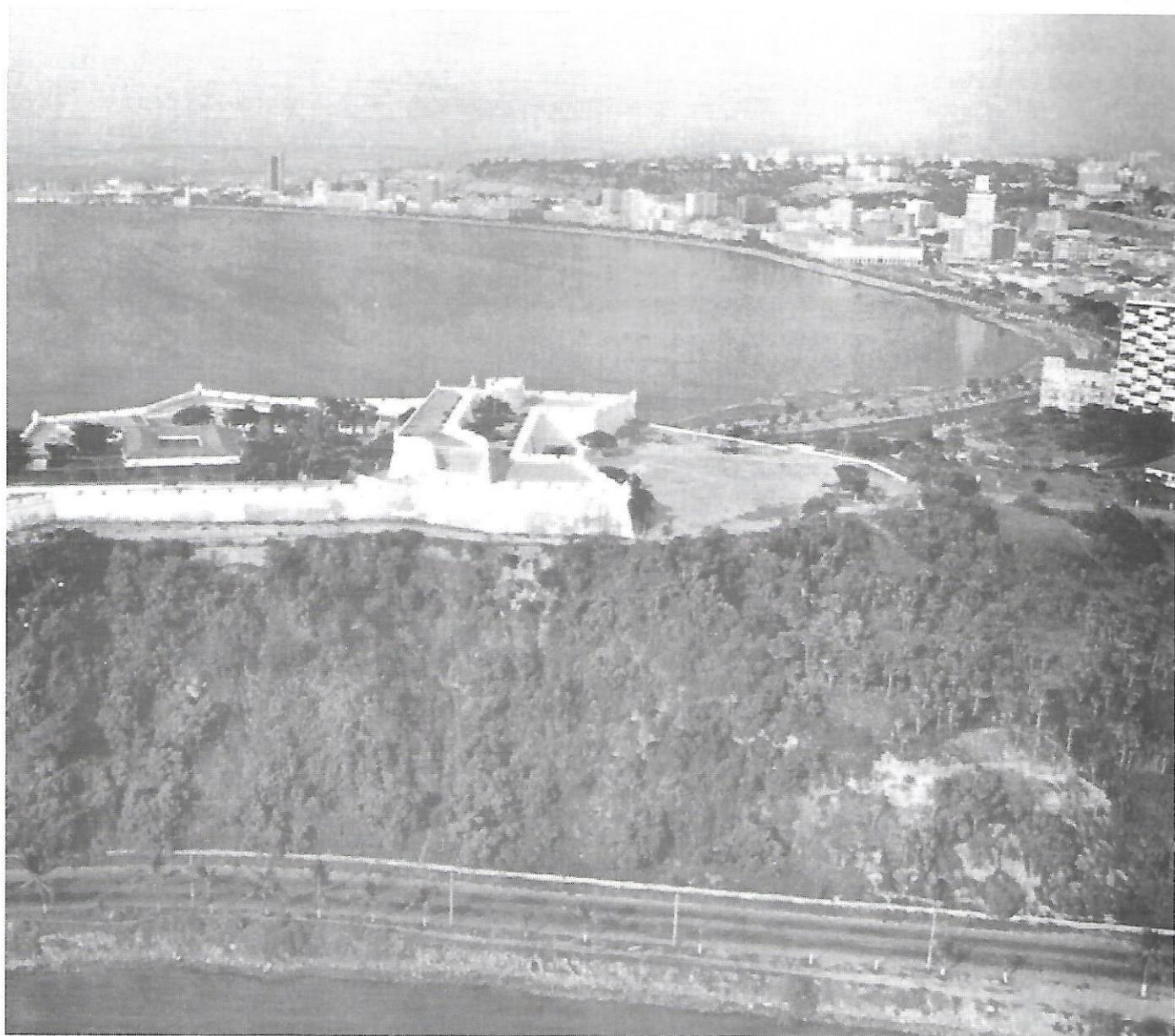
Havíamos saldo do serviço. Seriam cerca das 15,30 horas. Terminámos mais um dia de trabalho nos Serviços de Prevenção e Fiscalização Tributária, onde éramos técnicos verificadores tributários. Estávamos, no passeio, para ali parados, defronte da porta principal que dava acesso ao edifício da Direcção Provincial das Contribuições e Impostos, na Mutamba, a cavaquear acerca das conturbações que se viviam então em consequência dos últimos desenvolvimentos do processo de independência.

- Trabalhar para quê?! ... a terra dá tudo!

O diálogo assim posto, travara-se entre o Frazão que, um dia vindo dos Açores, chegara a Angola e tornara-se funcionário das Contribuições e Impostos, e o Boaventura Cardoso, luandense ligado ao MPLA, negro retinto embora marcado por traços crioulos, de dentes alvos e de pupilas escuras encrustradas em córneas brancas evidenciadas por globos oculares salientes como que a saltarem-se-lhes das pálpebras.

E eu, para ali, entre os dois.

Ao ouvir o Frazão sair-se daquela maneira tão a despropósito e sem o vislumbre de um mínimo de tacto, fiquei quase que petrificado à espera da reacção do Cardoso que, em circunstâncias que tais, seria natural que ocorresse de modo um tanto ou quanto desagradável.



Surpreendentemente, dei comigo, num primeiro instante, especado a olhar para o Cardoso, para logo, noutro segundo instante, escangalhar-me às gargalhadas, ao vê-lo abrir-se num largo, inesperado e simpático sorriso marcado pela alvura dos dentes e, em tal jeito, ripostar com serenidade invulgar, assim mesmo, naqueles exactos termos:

- Trabalhar para quê? A terra dá tudo!
E não é que a terra dava mesmo tudo?!

Incontroversamente, essa era a verdade das verdades: a terra dava tudo. Para quê, então, trabalhar?

Há muito tempo, na Quilenda, dizia-me o Sá, o Sá da Quilenda, o pai da Agostinha e do Manuel: quando aqui cheguei, vindo de São Miguel de Séide e vi uma planta de milho a crescer sobre aquela figueira brava - Mulemba - disse de mim para comigo: - onde é que já se viu isto?! ... o milho até cresce em cima das árvores. E tão estranhamente quanto assim, o

mesmo acontece em cima de fragas e de granito. Duas colheitas por ano! ... E incrível!

Na Gabela, era eu então rapazola - de arma nas mãos: primeiro, “flauberc” 9 mm; mais tarde, carabina 22 longos e caçadeira - embrenhei-me, vezes sem conta, selva adentro na caça de perdizes, pombos-verdes, andúas e rolas, quando não de pavões-do-mato e outras peças de caça que apareciam de instante a instante na floresta.

Caminhando por denso arvoredo - no

matagal que se estendia até a vista não alcançar mais, por aquelas bandas, ali detrás do hospital - e irrompendo por clareiras que se abriam aqui e acolá, começava pela madrugada, antes do sol nascer e por lá andava até ao regresso à casa, Já noite.

Não me fazendo transportar de comida nem água, no regresso não tinha fome nem sede. O que acontecia é que, entretanto, saciava-me na floresta: figos selvagens, bananas, muchilos, íoiós, mamões, abacates, cana sacarina, goiabas, maracujás, maboques, figos da Índia, mandioca, batata-doce, água límpida de riachos, marufo das palmeiras ...

Mas, quem, efectivamente, morria à fome em Angola?! A terra dava tudo!

Nas minhas deambulações selvagens calcorreando montes e vales em “terras de ninguém”, juntavam-se-me rapazes negros que iam aparecendo ora daqui, ora dali, deste ou daquele recanto da floresta. Pois, lá mais à frente ou um pouco mais atrás, já ali, naquela clareira, haveria uma sanzala, uma libata ou, quiçá, uma simples cubata.

Na floresta, na mata, qualquer um vulgar mortal não necessitava de fazer muito para encontrar comida. Eram ervas comestíveis, como, por exemplo, a gimbôa; as folhas mais tenras da mandioqueira com que se fazia a quizaca; frutos silvestres de toda a espécie; perdizes, rolas, coelhos, lebres, quítas; cabras do mato, como gazelas, corsas, veados, nuches; bois selvagens, como palancas, pacaças, búfalos; até lagartas, todas elas

proteínas, como o gondo, em tudo semelhante na brancura ao bicho da seda, que se encontrava em certas e determinadas épocas do ano e em certas e determinadas árvores que abundavam para os lados do Condé, Ébo e Cela ou ainda formigas igualmente proteicas, como o salalé alado e ainda aquelas outras pequeninas e muito negras com asas brancas sempre a tremelicarem, que faziam mel com um certo sabor fórmico, para já não falar das abelhas que, em plena selva, produziam mel e, ao que entendo, do melhor.

Nos riachos e rios, abundavam peixes, como o bagre... o bagre do Mazungue; a caióia, aquele peixe miudinho do rio Quissói. Rio mansamente espraiado, em forma de lago, ali, no Quissobe, próximo da casa do Tacanho implantada graciosamente sobre fraga de granito. Nos ares, cortando espaço, solitárias e graciosas jivas, quais gansos de patas altas, medrosas e desconfiadas, esquadrinhando rapidamente os ares antes de poisar, enquanto miríades de patos selvagens em voos, ora alinhados em esquadilha ora picados aqui e ali, mergulhavam em derredor, para logo de seguida emergirem e, à superfície, nadarem nas plácidas águas, sectorialmente cobertas por vegetação aquática cortada por espécies de canais onde, esporadicamente, sulcavam pirogas de pescadores e de caçadores de patos. Já muito longe, bastante mais além, em meus cálculos há mais de uma centena

de quilómetros - entre a Gabela e Novo Redondo, onde se formam as célebres e celebradas quedas de água, cachoeiras da Binga - de novo o rio Quissói. Curiosamente e se é que não estou a dizer algum despautério por falhanço de memória ou imprecisão, aqui mudava de nome, passando a denominar-se Queve, para, finalmente, ao chegar ao mar, desaguar naqueles mangais, nas proximidades de Porto Amboim, com o nome de Cuvo. A foz do Cuvo. A foz do Cuvo repleta de baixios de ostras, ostras de ninguém, ostras para ali plantadas pela prodigalidade da Natureza, postas para quem quisesse e ao sabor de quem delas gostasse.

Ainda rapaz, ingressei na função pública. Deixei a Gabela e segui para Carmona onde havia sido colocado como aspirante da então Fazenda Pública (Contribuições e Impostos). Por sugestão de minha mãe, fiz-me acompanhar do Carlos, Gunza de seu nome gentílico, filho do António cozinheiro, que durante larguíssimos anos serviu, a cozinhar, em casa de meus pais.

O António cozinheiro, levou o Gunza, ainda pequenote, para a casa do patrão, à semelhança do que era hábito acontecer em Angola: os filhos dos cozinheiros, lavadeiras e outros serventuários, encontravam em casa dos patrões uma espécie de escola de convívio civilizacional para os seus filhos. Ali viviam e conviviam com os filhos dos patrões, com eles brincavam, comiam, vestiam e dormiam, ao mesmo tempo que iam sendo

aproveitados para pequenos serviços domésticos.

Quando mais crescidos, por lá iam ficando como criados de casa.

O Carlos acabou assim por aprender com a minha mãe, a confeccionar pratos ligeiros e até passar a roupa a ferro.

Por essa razão, entendeu-se que, levando eu o Carlos por companhia, a minha vida, longe do aconchego da casa materna, talvez pudesse ser suavizada. Aprontaram-se as coisas.

O Carlos, felicíssimo com a perspectiva de se aventurar com o “menino” na descoberta de novas terras no norte de Angola, seguiu comigo para Luanda e, dali, de avião para Carmona onde chegámos e ficámos hospedados em casa de um casal de pessoas conhecidas e amigas.

Mais tarde, mudei-me para o Grande Hotel do Uíge e o Carlos ficou a servir de criado em casa daquele mesmo casal (gabelenses que em termos de nome-de-casa ela dá por Lili, também Milena, e ele, por Tito), casa onde nos íamos encontrando amiúde.

Tempos depois, tendo vagado um quarto na messe dos funcionários públicos solteiros de Carmona, para ali me mudei e o Carlos passou a ser um dos criados da referida messe, estando nós, deste modo, mais em contacto um com o outro.

O tempo foi-se passando, até que um dia ...

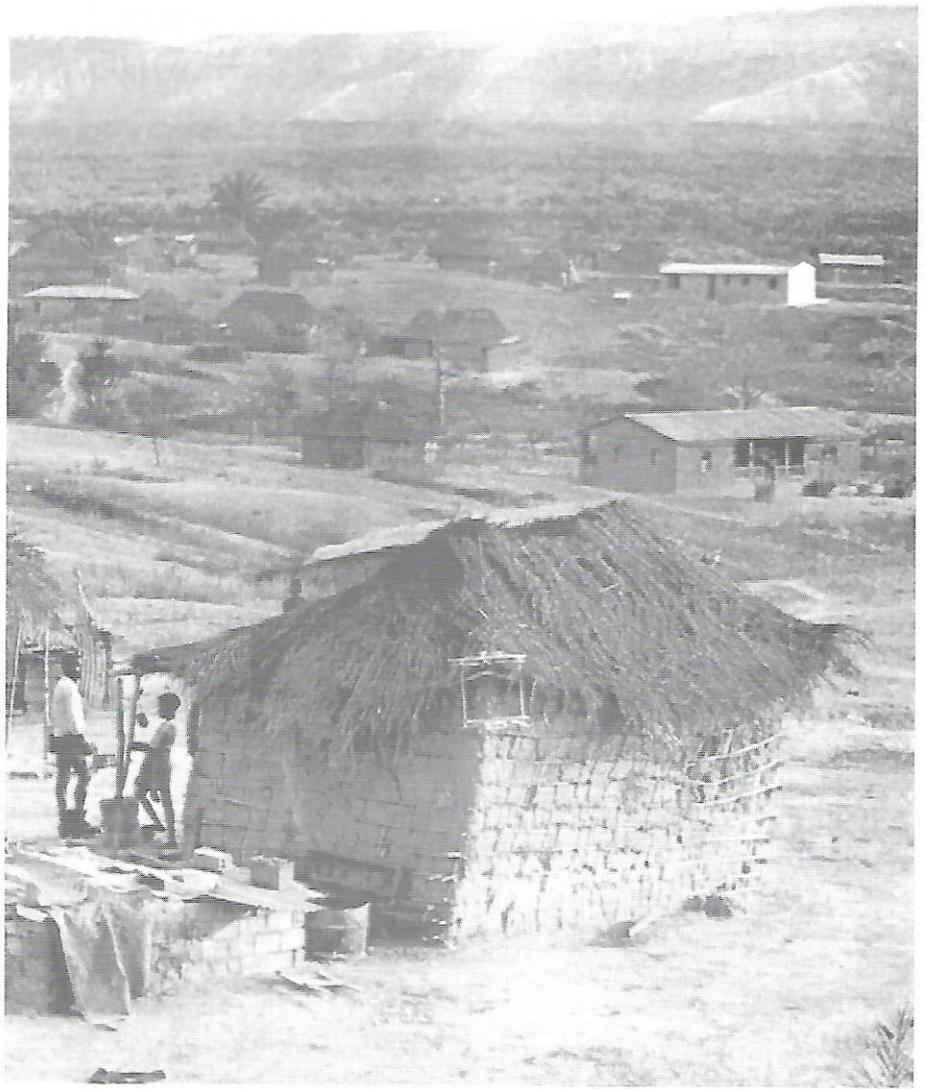
O dia 15 de Março de 1961, em Carmona, tombara no horizonte em

crepúsculo tenebroso, prenunciador de que se avizinhavam tempos de desconcerto indizível.

Carmona era uma pequena e linda cidade - sede do que foi o concelho do Uíge e, simultaneamente, do então distrito do Congo Português, constituído ao tempo, para além daquele, pelos concelhos do Bembe, Ambrizete, Damba, Sanza Pombo, Santo António do Zaire, São Salvador do Congo, Maquela do Zombo, Nóqui, Cuango e Macocolo, do qual mais tarde foi desanexado o distrito do Zaire, em consequência do reajustamento

territorial advindo da nova divisão administrativa a que em Angola então se procedeu por imperativo de conveniências emergentes da guerra imposta por interesses estrangeiros, que trouxe aos Bacongos o desejo, insidiado do outro lado da fronteira, da reunificação do Baixo Congo - o antigo Reino do Congo -, tendo por desiderato propósitos dissimulados com ganhos apetecíveis na mira daqueles que presidiam aos destinos do ex-Congo Belga.

Eram duas horas e dez minutos da madrugada. Aproximava-se o bater das



badaladas que anunciariam os alvares da manhã do dia 16 de Março.

Aquela madrugada soturna, pesada - a que se seguiria dia cinzento, plúmbeo, pardacento - assinalada pela forte perturbação dos sentidos que crispou as gentes e exaltou os ânimos, trouxe consigo, para quantos a viveram, um rosário de marcas impressivas que se tomaram indeléveis como que alheadas e indiferentes à inexorável passagem do tempo.

Fui acordado com o estrondo de murros e pontapés desferidos violentamente na porta do meu quarto. Ouviam-se vozes em dissonâncias estranhas, assim, como que em pânico.

No corredor daquela messe dos funcionários públicos solteiros de Carmona, a vozeria desencontrada e a pateada no correr de um lado para o outro, davam nota de que, naquela hora, algo de sinistro se estaria a passar.

Lá fora gritava-se a plenos pulmões:

- A cidade está a ser atacada!

- A cidade está a ser atacada!

Saindo da cama apressado, vesti-me tão depressa quanto pude.

Nessa madrugada de Março chovia a cântaros. Chovia copiosamente. Cães uivavam. Carros rodopiavam no asfalto e buzinaavam em frenesim.

- Saltem! Saltem!

- Depressa, depressa, para cima do carro!

- Aonde vamos?! ...

- Para o Bairro Montanha Pinto! Vamos proteger a retirada de mulheres e crianças que ali vivem!

Tudo soou assim como que em voz de comando ecoando, sem se saber muito bem provinda de onde e de quem.

Todavia, para ali, para o Bairro Montanha Pinto, se partiu e de pronto.

Durante o percurso e já a tocar as cercanias, os arrabaldes da cidade, diante do foco dos faróis do veículo automóvel, um "Jeep", conduzido pelo então Secretário de Fazenda, José Alves da Costa Pina, foram-se deparando, tombados no asfalto, o cadáver de um homem aqui, de outro ali, de um outro acolá, alguns com lenços coloridos ao redor dos pescoços ao jeito dos "cowboys" do "Far West"; ainda, além, via-se mais um cadáver no meio do capim, mais adiante, um outro por debaixo de algumas das árvores que bordejavam a estrada. Viam-se, caídos no chão, cadáveres de homens negros empunhando catanas, abatidos pelas armas de caça dos mais previdentes que, face aos acontecimentos que haviam marcado todo o dia anterior, à cautela, não se deixaram dormir. Tiveram a intuição ou a clarividência de se recusar a ser traídos pela surpresa.

Deste modo, a cidade de Carmona, havia, naquela fatídica madrugada, sido salva de carnificina igual à que, nas horas precedentes, fora perpetrada, dramática e tragicamente, nas fazendas de café e povoações do então distrito do Congo Português, onde o inesperado marcara encontro

com a desgraça.

Não haviam sido poupadas nem crianças, nem mulheres: barbaramente esquartejadas à catanada, desventradas, violadas, foram chegando ao hospital de Carmona ao longo do dia anterior à tremenda madrugada de pesadelo indiscreto.

Fazendas e povoações haviam sido atacadas sem qualquer assomo de piedade por hordas de negros sob o comando da U.P.A. - União dos Povos de Angola - liderada por Holden Roberto, que vive hoje em Luanda vindo do ex-Congo Belga, o actual Congo do Kabilia, o mesmo Congo entregue pelos Belgas, na altura da descolonização, ao pretensu comunista africano, Lumumba - industriado na União Soviética, que terá sido assassinado pelos Americanos e tivera estreitas relações com o dito Holden Roberto - e a Casavubu de quem, mais tarde, Tshombé, o revoltoso do Catanga, fora primeiro ministro, aliás, aquele Congo que não outro senão o que veio a ser chamado Zaire - seguramente como resposta política ao facto de Portugal ter mudado, na respectiva região fronteiriça, a denominação do distrito do Congo Português para Zaire - o mesmo Zaire, em suma, que, através de golpe militar, ficou por longos tempos e a coberto da França nas mãos do despótico, soberbo e presunçoso Mobutu - escorraçado, recentemente e pouco antes de morrer, pelos Estados Unidos da América do Norte - o Mobutu de quem o referido líder da U.P.A. era, afinal, cunhado e que tendo ascendido



ao poder por artes e manhas do Ocidente, pelo mesmo Ocidente e pelo mesmo processo, veio dele a ser desapiado naquele repetir de coisas ao sabor das conveniências e interesses de ocasião como, em assuntos que tais, vai sendo useiro e vezeiro em África e não só.

Era, pois, a U.P.A., com todas as suas ramificações e maquinações no Congo e por outras paragens, marchando ao compasso da batuta marcada por um desejo de independência mal confessado e sob o impulso de potências estrangeiras dispostas à conquista, a qualquer preço, de espaço geo-político no quadro da Guerra Fria.

Era exactamente aquela U.P.A., o famigerado movimento tido por de libertação nacional que, mais tarde,

disfarçado pelas vestes da F.N.L.A. - Frente Nacional de Libertação de Angola - entrou em Angola, vindo da já então República do Congo, com mãos tintas de sangue, co-protagonizando o "exemplar" processo político de independência da que fora a mais portentosa e cobiçada das províncias ultramarinas portuguesas, províncias estas instituídas como tais em 1951 e, posteriormente, convertidas em Estados ultramarinos como primeiro passo no sentido da concretização de um sonhado plano de transformação do Estado unitário português em Estado de estrutura federal.

Ao tempo do início dos acontecimentos, o contingente militar estacionado na cidade de Carmona era reduzidíssimo. A população civil só remotamente contaria com ela.

A necessidade de guardar os arsenais existentes terá motivado que tanto aquele contingente militar quanto a polícia não tivessem saído dos respectivos quartéis, não só nos dias 15 e 16 de Março de 1961, como nos tempos mais próximos que se seguiram, ou seja, durante cerca de dois ou três meses após o execrável assalto da U.P.A. às roças e povoações do Norte de Angola.

Assim que a noite de pesadelo se foi dissipando e os primeiros raios do alvorecer iam, tenuemente, anunciando aquele novo dia - 16 de Março de 1961 - ocorreu, na circunstância, algo de inesperado e insólito que marcou todo o processo terrorista.

Homens munidos de armas de caça, fustes, varapaus e utilitenciário do mais

variado, partiram de modo ousado, intrépido e espontâneo, rumo às populosas sanzalas que circundavam a cidade.

Seguiu-se uma verdadeira caça ao homem:

Todo o negro encontrado ferido por balas do tiroteio da noite anterior era, de pronto, abatido ali mesmo onde estivesse. Os que tiveram sorte diferente, ou porque não se encontrassem feridos ou porque os ferimentos não fossem visíveis, face à inesperada e aterradora contra-ofensiva dos brancos, meteram-se em fuga pela floresta adentro.

Aqueles outros, os tais exportadores de tudo e de nada, instigadores de revoluções violentas e oportunismos abomináveis, iluminados por rasgos de leviandade próprios de fazedores de ilusões, quais vendedores de banha da cobra e de promessas vãs - seja o caso do médico antilhano, Franz Fanon, revolucionário da FLN na Argélia, citado por Holden Roberto como sendo seu amigo e que o terá ajudado a traçar o plano para a carnificina no pressuposto de que não haveria outra solução face ao sistema de povoamento existente em Angola - aqueles outros, como dizíamos, que pensaram assustar com terror a população branca, incitando ao crime e mandando assassinar, indiscriminadamente, civis desprevenidos e indefesos, com toda a crueldade, frieza e requintes de barbárie máxima, na expectativa de provocar-lhes debandada sem luta para

fora de Angola em moldes do que acontecera no Congo Belga, a despeito do preço elevadíssimo em vidas humanas e do peso sem conta dos sofrimentos infligidos, viram o tiro sair-lhes pela culatra.

Aqueles outros e seus apaniguados, ao subestimarem a bravura dos portugueses que se haviam agarrado à terra regada com sangue e suor do seu trabalho e ao encetarem o terror desbragado e a violência desmedida, depressa passaram de aterrorizadores e violentadores a aterrorizados e violentados.

Quando o dia já ia alto, uma fumaceira espessa passou a cobrir a cidade. Cinzas negras de capim esvoaçavam no espaço, cobrindo, ao cair, o pavimento das ruas, os telhados das casas e o relvado dos jardins, enquanto um cheiro a bodum empestava os ares.

Foi essa a resposta pronta e espontânea encontrada pelos brancos, muitos dos quais haviam visto filhas, filhos, mulheres e familiares impiedosamente chacinados por negros em tropel, drogados e espumando sanha assassina instilada por oportunistas sem coração nem rosto.

As sanzalas foram engolidas por labaredas de fogo, tendo o imaginário do observador por pano de fundo, naquele quadro sinistro, uma como que réplica da Roma de Nero em chamas na Antiguidade Clássica.

Ao espectáculo dantesco, seguiu-se um impulso de organização defensiva.

Comissários do povo, comissários do governo improvisados que, na hora, surtiram efeito.

Constituiu-se a chamada Milícia, sob o comando do Cruz Filipe, chefe dos Serviços Geográficos e Cadastrais de Carmona, que, posteriormente, terá vindo a inspirar a criação da OPVDCA - Organização Provincial de Voluntários da Defesa Civil de Angola.

Distribuíram-se armas de fogo: espingardas Mauser, pistolas, granadas.

Distribuiu-se o que havia.

Iniciou-se o patrulhamento e rondas na cidade. Sentinelas aqui, sentinelas acolá.

A avioneta do aeroclube, pilotada pelo Leite, funcionário das Obras Públicas, passou a voar, várias vezes ao dia, procurando detectar os movimentos das hordas de negros que se iam concentrando e movimentando em tomo de Carmona, indiciando o propósito de a voltar a atacar.

Comunicados, através de aparelhos P19 montados nas instalações dos serviços de Administração Civil, faziam-se ouvir a todo o instante, captados por telefonias de ondas curtas a que muita gente se agarrava sintonizando as respectivas ondas hertzianas.

Grandes concentrações de negros aqui e ali eram anunciadas, provocando na cidade, pesadíssimos estados de angústia, até que um dia a aeronave não voltou.

À medida que o tempo passava e a

noite se avizinhou, a vã esperança de regresso do Leite desvaneceu-se no desalento da convicção de que a selva engolira a avioneta e o seu piloto.

Assim desapareceu o Leite. Morrera tragicamente. Em que reais circunstâncias e com que sofrimento, nunca se chegou a saber. Deixou mulher e dois filhos pequenos.

Entrementes, tiros esporádicos iam alarmando as pessoas e infernizando a vida na incerteza do inesperado e na persistência do desassossego dramático das gentes na cidade sitiada.

- A cidade está a ser atacada ali! - diziam uns - Está a ser atacada acolá! - diziam outros.

O pânico era uma constante.

O tempo passava.

- Amanhã chega tropa vinda de Luanda!

Só que, parafraseando o Professor Boaventura de Sousa Santos, o amanhã não passa de um horizonte de possibilidades. Não é mais do que um leque de futuros possíveis.

E, assim:

- A tropa não chega!

Surgem vozes a manifestar-se no firme propósito de organizar a população no sentido de se partir em coluna rumo a Luanda, deixando a cidade de Carmona à mercê da sua sorte, como resposta ao abandono a que todos começavam a sentir-se votados pelos responsáveis governamentais.

E quando a situação se pôs crítica, valeu a intervenção do comandante militar - epitetado de “colhões cor-de-rosa” pela sua moderação e não porque tivesse voz “delicodocé” ou gestos menos firmes - que, fazendo ouvidos de mercador, escusava-se,

hábil e sensatamente, a alimentar ditos e mexericos aos quais respondia com convocações de reuniões sobre reuniões com a população, acabando, com sensibilidade e tacto de diplomata, por aplacar a ira e fúria das massas incontidas e convencê-las de que a tropa vinha a caminho, só que, na sua versão, a progressão no terreno não era fácil, dado o teatro e clima de guerra que se vivia e que aconselhava cautelas redobradas no avanço, mormente na região dos Dembos onde a selva se afigurava como que virgem.

Enquanto o pau ia e vinha, folgavam as costas.

A tropa continuava sem aparecer e as reuniões com a população repetiam-se no salão do clube em cujo bar era hábito jogar-se xadrez nas horas de ócio.

Carmona era, a par da Gabela em



Angola, terra do café robusta por excelência. Terra de grandes roceiros: Ricardo Gaspar, Cagido, Ferreira Lima, outros tantos e tantos outros.

Naquela fatídica manhã do dia 15 de Março, ninguém, na cidade, conseguira furtar-se do estupor estampado nos rostos dos que deambulavam, quais fantasmas perdidos, num vai e vem apressado do hospital para as ruas, das ruas para o Grande Hotel do Uíge, do Grande Hotel do Uíge para junto das instalações do Governo do Distrito e deste para a Administração do Concelho.

A surpresa e o desnorde eram companheiros de desgraça dos que, face à tragédia, procuravam, sem parar, saber notícias de familiares que viviam nas roças de café e nas povoações que haviam sido atacadas com ímpetos de hedionda desumanidade.

Notícias desencontradas corriam de boca em boca.

Era, em suma, a vida em suspenso do “diz-se que se diz”, numa profusão de murmúrios, choros e gritos, entrecortados por silêncios de mau augúrio que abarcavam toda a cidade.

Desde as primeiras horas daquela manhã, não havia mãos a medir no hospital de Carmona. Por lá andava o Dr. Martins, médico de estatura franzina e de porte altivo; calmo, de poucos sorrisos e de falar pausado e seguro que se apaixonara pela belíssima e jovial Tété, filha do Lalinho, que tinha aquela roça, lá para os lados do Songo.

Crianças, bebês, mulheres, homens... nada... ninguém, havia sido poupado à sanha assassina das hordas ignaras lançadas ao desvario pela demagogia dos auto-intitulados arautos da verdade, acomodados, lá longe, na “estranja”, contra os bodes expiatórios por eles falaciosamente julgados como “exploradores do povo” e culpados de todas as maleitas e malefícios da vida.

Feridos e mortos, esquartejados à catanada, esvaídos em sangue, esventrados por mãos cruéis e sem piedade, chegavam, uns após outros, em automóveis que buzonavam e, circulando a grande velocidade, provocavam, no asfalto, o chiar de pneus soado como eco de gritos de estridência sofrida, pungentes, lancinantes, das vítimas do furor assassino que, em tais veículos, se faziam transportar daquele jeito e naquela hora de tragédia ímpar.

E para ali se iam amontoando.

No hospital de Carmona, onde pairava a silhueta sinistra da morte, por todos os lados havia sangue que tudo tingia e sofrimento sem limite alimentando choros, gemidos, gritos, incredulidade e raiva.

Os médicos e enfermeiros existentes contavam-se, na emergência, em número manifestamente insuficiente.

As canseiras até à exaustão, os esforços sem conta nem medida, o dar ao próximo sem reserva, tudo, tudo, amalgamado com o desespero de quem sofria, as lágrimas de quem chorava e o fim de quem exalava o

último suspiro, traçavam o quadro tétrico que tinha por pano de fundo aquele dia de visão dantesca.

Ali e em toda a parte era um corrúpio. Era o caos e o pânico instalados na plenitude da desgraça humana.

A povoação do Quitexe havia sido atacada.

Feridos e mortos não paravam de chegar

- Afinal, não foi apenas no Quitexe! - dizia-se aqui e ali.

Na verdade, em diversas roças de café e em várias povoações do distrito do então Congo Português, cenas de carnificina semelhantes às do Quitexe se haviam repetido e continuavam a repetir-se.

Contudo, os mais cépticos quanto à veracidade e projecção dos factos e os mais optimistas quanto à sua real dimensão, lá iam dizendo que se tratava de alguma rixa mais séria ocorrida pontualmente, algures, numa das roças de café.

O Sousa e Costa, do Jornal do Congo - ao que creio, alentejano, de compleição física um tanto ou quanto avantajada, de tez acentuadamente morena, quase a raiar o negro, de olhar vivo e perspicaz, sempre de rosto erguido como que perscrutando os ares, com voz forte bem timbrada e um caminhar de marinheiro a denunciar pés-chatos; o Sousa e Costa - casado com aquela belíssima mulher de olhos angelicais - naquele dia não parou um instante: ora era visto na redacção do Jornal do

Congo; ora no hospital; ora era visto no Governo do Distrito; ora na Rádio Clube do Congo Português cujas emissões iam para o ar marcadas pela voz suave, aveludada e doce, da bonita Gioconda Ferreira. Fazia anos no mesmo dia que eu.

Em 15 de Março de 1961 começara, pois, a guerra em Angola.

A hora era de angústia. Era de pavor. Apanhados pela surpresa, haviam sido chacinados, por actos terroristas da U.P.A., milhares de brancos e outros tantos negros trabalhadores, estes oriundos da região do Bailundo, no distrito do Huambo e que, no Norte de Angola, trabalhavam nas roças de café.

Os primeiros foram assassinados, fria, bárbara e brutalmente, por não serem negros e por serem os tais “exploradores do povo”, culpados de todas as maleitas e malefícios da vida.

Os outros, embora sendo negros, foram assassinados selvática e cruelmente, por serem do Sul e, conseqüentemente, não estarem identificados com o tal alegado movimento de libertação dos povos de Angola.

“O massacre estava concertado para o mesmo dia em que, na Assembleia Geral das Nações Unidas, a Libéria apresentava uma moção de censura contra Portugal. Mas, em Nova Iorque, uma estação de televisão mostra as imagens da tragédia. Dois mil europeus e seis mil trabalhadores bailundos tinham sido mortos. Holden (que embarcara dias antes para os Estados Unidos da América do Norte,



acomodado, lá longe, na “estranja”, em Nova Iorque) em frente ao televisor, assusta-se com o resultado das suas ordens: “Vi homens esquartejados, crianças retalhadas e mulheres violadas. Estava no meio de brancos e não tive coragem de reivindicar a acção.

Holden Roberto, em Nova Iorque e entre brancos... assusta-se, quiçá, por cobardia misturada com lágrimas de crocodilo.

Bernardino Pinto, um capataz contratado do Bié, estava feito com os homens da UPA. Aliás, quando o

contactaram, foram bastante claros: “Ou ficas do nosso lado ou morres com os colonos.” Alinhou sem passar palavra aos 400 bailundos, gente do Sul com fama de estar feita com os portugueses. Bernardo até não tem razão de queixa dos brancos. Dona Eugénia, mulher do encarregado, trata-o muito bem. Come com ele na cozinha e confia-lhe os dois filhos. Mas este era um dia diferente. Pelas cinco da manhã, toca o sino para a formatura, reúne os trabalhadores e avisa-os: se reagirem também morrem. Os bailundos choram, tolhidos pelo medo: “Então branco é que nos trouxeram

aqui e agora vão matar branco.”
Aproxima-se Silva, o encarregado, para fazer a inspecção matinal. Bernardo crava-lhe um cigarro, como era costume todas as manhãs. Mal o outro joga a mão ao bolso da camisa desfere-lhe um golpe mortal na cabeça. “Nesse dia, as catanas que serviam para capinar serviram só para matar.”

José Lello e os seus homens esperavam entre o capim o badalo do sino da formatura para avançarem. Ia ansioso por resgatar o passado palmo a palmo, nem lhe passou pela cabeça que um ataque a civis é um acto de banditismo. De catana e cajado, retalhava quem lhe aparecesse pela frente, mulheres e crianças não eram poupadas. Ainda hoje fala nisso sem qualquer emoção na voz: “Filho de cobra é cobra. Não há diferença nenhuma. Os filhos dos colonos tratavam o preto como macaco e se ficassem vivos ganhavam os hábitos dos pais.” Torres, o homem que o chicoteava, fica irreconhecível e os bailundos são retalhados nas máquinas da serração de madeira que havia na roça.

Quando Bernardo Pinto se dirige para a casa onde estava a patroa, já Dona Eugénia se encontra amarrada e os dois filhos, uma menina de 9 anos e o rapaz mais novito, agarrados à saia, nem piavam: “Não me mates, Pinto, leva-me para a mata que eu não tenho culpa de nada, quem me trouxe para aqui foi o meu marido.” A senhora estava grávida e não havia maneira de morrer. A lâmina abria-lhe o corpo mas,

sabe-se lá porquê, não morria. Estava grávida e ele teve de acabar o serviço com a enxada: “Mulher grávida tem duas vidas, é mais difícil de morrer.” Os pequenos, esses, não levantaram problemas, nem choraram. Levanta-os pelo pescoço, lança-os ao ar, quando caem rebentam no cimento. Parece que naquele dia houve muitos milagres. “Deus estava do nosso lado, às vezes dava-se só uma chapada e os brancos morriam, e com os meninos bastava atirá-los ao chão ou esticar-lhes as pernas.” Até as palavras tinham uma função mágica. Pinto grita: “UPA, UPA, mata, mata”, e as balas dos brancos transformam-se em água.

Quinhentos anos depois de os intrépidos navegadores portugueses terem denodadamente sulcado os mares, levantado padrões ao longo da costa por onde iam apartando, vencido o Gigante Adamastor e o Cabo das Tormentas e chegado ao Oriente contra tudo e contra todos; quinhentos anos depois de permanência dos portugueses em território pátrio espalhado por tudo quanto era mundo: “onde o sol em nascendo vê primeiro, vê-o também no meio do hemisfério e quando desce o deixa derradeiro”; depois de quinhentos anos construindo pátrias, misturando raças e procriando crioulos, tudo se acabou com desprimor e ao arrepio do sonho de Camões: “Eis aqui quase cume da Europa toda, o Reino Lusitano, onde a terra se acaba e o mar começa e onde Febo repousa no Oceano. Esta é a ditosa Pátria minha amada à qual se o céu me dá que eu sem perigo torne

com esta empresa já acabada, acabe-se esta luz ali comigo”. E acabou-se. Tudo se acabou sem honra nem glória, como, lapidarmente, o terá dito o historiador, António José Saraiva: em “debandada de pata rapada”. Em qualquer dos casos, pasme-se, acabou-se na “exemplar descolonização” por obra e graça de meia dúzia de vendilhões de pátrias que, escondendo as mãos com que atiraram pedras, justificando-se de qualquer forma, maneira e feito, enjeitando culpas e jogando-as para atrás das costas, por aí se pavoneiam colhendo louros, louvaminhados, bajulados e aureolados como grandes senhores, aliás, na sua usada e abusada própria linguagem: como “pessoas de bem”.

Para trás ficaram os “ventos da História” soprados do ex-Congo Belga e que, passando por Angola, Goa, Danião e Diu; passando por Moçambique, pela Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor, deixaram um profundo rasto de desolação e morte.

Morreu gente, gente e mais gente. Crimes hediondos foram cometidos em nome de interesses inconfessados e a coberto de justificações falaciosas assentes na despidorada mentira da necessidade de libertação dos povos colonizados “por razões de ordem humanitária”.

Razões de ordem humanitária que, hoje, estão aí a olhos vistos.

Vede, pois, o abandono a que tais povos foram votados logo que o

objectivo das descolonizações foi alcançado e os mentirosos viram o campo livre para as suas investidas de abutres vorazes e insaciáveis.

Onde estará o humanismo daqueles que o invocaram contra os "colonos" e que, agora, impávidos, serenos e de barriga cheia, vêm indiferentes a fome, a miséria, a guerra, o sofrimento e a morte, a que têm sujeitado os povos por eles descolonizados, como nunca ninguém antes o fizeram...

E tudo isso assim em nome da autodeterminação, independência e liberdade dos povos.

Que é isso de autodeterminação, independência e liberdade dos povos, quando o conteúdo de termos tão bondosos não passa, em verdade, de miséria de toda a ordem? quando se traduzem em fome até à inanição? quando todo um povo é sujeito, sem alternativa, à caridade hipócrita de outros povos gordos e luzidios, a abarrotar de excessos, que, "solícitos" e "prazenteiros", ora enviam alimentos para, dir-se-á, ajudar a sobreviver quem morre, ora, sub-repticiamente, vendem armas, minas, canhões, mísseis, carros de assalto, para matar esse mesmo povo que dizem ajudar e de cuja ingenuidade se aproveitam para dele ir sugando, de qualquer jeito, as riquezas da sua terra até à exaustão?

Autodeterminação, independência e liberdade não para os povos delas carenciados, mas sim para aqueles que, fazendo apelo à emoção das massas e manipulando-as

ardilosamente em proveito próprio e dos seus sequazes, se propõem tomar o poder exclusivamente por ambição de desmedimento inqualificável como o tempo o vem demonstrando à sociedade.

Da guerra foram poupados, significativamente, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Dizia, há dias, na Televisão, ao jeito brasileiro, o Prof. Adriano Moreira, exactamente aquele que, no início da guerra em Angola, sobraçou a Pasta do Ultramar no Governo português então presidido pelo Professor Doutor António de Oliveira Salazar: "pobre não pode ter petróleo".

É isso mesmo, pois: pobre não pode ter petróleo. E se, como Angola, tiver tantas e tantas mais riquezas cobiçáveis, tanto pior para as sempre

sacrificadas e mártires populações, presas fáceis às mãos dos pérfidos demagogos

e manipuladores da opinião pública os tais abomináveis

políticoseiros da

politiqueiros da

que, falando "a

bem dos povos e em nome dos povos" à boca

cheia, apenas deles se

servem impunemente,

continuando-se assim sem se saber

muito bem por que serão uns

considerados criminosos de guerra,

procurados e rebuscados por tudo quanto é

sítio, enquanto outros, monstros abomináveis,

pavoneiam-se por aí e gabam-se em

entrevistas acerca dos seus feitos execrands,

exibindo-se com sórdidas caras patibulares.

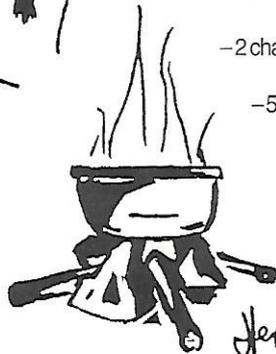


LAR AVÓ IVONE

AMBIENTE FAMILIAR E ACOLHEDOR

PARA NÓS, O MAIS IMPORTANTE É SENTIR-SE EM FAMÍLIA

Rua das Trinas, 135
1200 LISBOA
Tel.: 21.3964105



Ana Maria Magalhães Carvalho

- 3 ovos
- 2 chávenas de chá de açúcar
- 2 chávenas de chá de pão ralado
- 5 bananas maduras
- 1 colher de sopa de fermento em pó
- ¾ de chávena de óleo

Herminio
265 Deitam-se os ovos inteiros

EMENTAS TRADICIONAIS ANGOLANAS

BOLA DE BANANA (DA MINHA IRMÃ GININHA)

numa tigela e batem-se ligeiramente.

Adicionam-se as duas chávenas de açúcar, o pão ralado misturado com o fermento e as bananas amassadas com um garfo.

Depois da massa ligada, junta-se o óleo mexendo apenas para misturar.

Vai ao forno em forma untada durante cerca de 40 minutos. Não se deve abrir o forno durante a primeira meia hora.

Depois do bolo pronto é polvilhado com açúcar e canela.

COMPARTICIPE

Recebeu o nosso Boletim "O Gabelense"? Quer continuar a recebê-lo? Sim _____ Não _____

A nossa intenção é continuar a enviá-lo a todos como, aliás, temos vindo a fazê-lo. Mas precisamos também do apoio de todos para custear as despesas da sua publicação. Do contributo de cada um. Do seu contributo.

Se não contribuiu com o seu apoio e quer continuar a receber o nosso Boletim, faça-se sócio. A quota é apenas de 1.500\$00 por ano.

Contribua para as nossas iniciativas, para que possamos ir além do que tem sido feito. Leu com atenção o nosso Boletim? Temos um projecto que carece do apoio de todos para que a **Residência dos nossos Idosos** seja uma realidade.

Devolva este pedido, indicando:

Nome: _____

Morada: _____

Telefone: _____

Não envie dinheiro, mas cheque ou vale de correio para:

Fernando Veríssimo dos Santos
Rua Dr. José Henrique Barata, 36 r/c – Alto do Bexiga – 2000-064 Santarém

Pela Direcção,
Silva Carvalho (Presidente)

Silva Carvalho

Simplesmente “Amália”, a fadista de todos os portugueses, que jamais a esquecerão, como nós gabelenses, que a vimos actuar na sua tournée por Angola em finais dos anos 50, sempre em delírio.

Eu vi-a em Benguela e, também a Gabela (Amboim) teve o ensejo e involvidável prazer de a ver actuar no Cine Amboim, na sequência sua digressão por terras angolanas, onde as populações ocorreram dos mais recônditos locais, percorrendo quilómetros para a ver e assistir aos seus espectáculos, não regateando ovações, aplaudindo a diva, como representante da música portuguesa, em que pontificava o fado, o seu fado, que sublimemente interpretou, transmitindo a todos o orgulho de sermos portugueses.

Todo o mundo a conheceu, idolatrou e venerou...

Com ela, Portugal guindou-se, foi respeitado o tornou-se universal. Ela foi a verdadeiro embaixatriz, representado Portugal no mundo, divulgando a sua música e cultura, dando a conhecer o seu povo, com os seus cantares.

É com devoção e incontido reconhecimento, que presto esta homenagem a quem tanto marcou a minha adolescência e não só e, em todo o tempo, o povo português que tanto a admirou com estima e carinho e, quiçá, com muito mais devoção que eu.

Ela, a nossa Amália, estará para sempre nos nossos corações, como símbolo venerado e, em homenagem, no futuro, enquanto se cantarem e forem ouvidos os seus saudosos fados.

Simples, mas de coração, esta minha homenagem e, que estou certo, é também a mensagem de todos os gabelenses, para a “Amália” que muito respeitámos e amámos.

HOMENAGEM AMÁLIA RODRIGUES



LÁGRIMA

Amália Rodrigues

Cheia de penas me deito
E com mais penas me levanto
Já me ficou no meu peito
O jeito de te querer tanto

Tenho por meu desespero
Dentro de mim o castigo
Eu digo que não te quero
E de noite sonho contigo

Se considero que um dia hei-de morrer
No desespero que tenho de te não ver
Estendo o meu xaile no chão
E deixo-me adormecer

Se eu soubesse que morrendo
Tu me havias de chorar
Por um lágrima tua
Que alegria me deixaria matar

CAMAPE ERGUE 45 HABITAÇÕES A PREÇOS CONTROLADOS GABELENSES CONSTROEM ÍLHAVO



Estará pronto em Junho de 2001 o mais recente projecto da CAMAPE, a empresa dos gabelenses Luís e António Castro. Sediado em Aveiro, o negócio de Construções estendeu-se até ao concelho de Ílhavo, onde está a construir um complexo habitacional.

O empreendimento, localizado em frente à Escola Secundária, é composto por três blocos, de três andares, com capacidade para 45 habitações, do tipo T2 e T3. Possui 45 lugares de estacionamento na cave e terá uma papelaria e uma cafetaria como infra-estruturas de apoio.

Trata-se do terceiro projecto de habitação a preços controlados da CAMAPE, após o

“Vila Jovem” e o “Cidadela”, construídos em Aveiro. O Instituto Nacional de Habitação (INH ainda não definiu os preços das casas de Ílhavo, mas Luís Castro acredita que rondem os 14500 contos (T2) e os 16000 (T3).

Preços inferiores em cerca de 7000 contos aos praticados na região, compreendendo-se, por isso, que exista já uma lista de 200 interessados para... 45 casas. A selecção será feita pela Câmara de Ílhavo, “que conhece melhor as pessoas carenciadas do concelho e tem dado todo o apoio à iniciativa”, agradece Luís Castro.

Os apartamentos “não são de luxo, mas possuem uma construção de qualidade

média-alta”, afiança o proprietário da CAMAPE. Os T2 têm 84 m² e 110 os T3. O projecto, do arquitecto José Maria Prata, está orçado em 500 mil contos e mantém a “imagem de marca” da CAMAPE: o exterior é revestido a tijoleira rústica.

A construção a preços controlados é, segundo Luís Castro, a mais indicada para a maioria dos portugueses, “que não têm dinheiro para comprar casas aos preços hoje praticados no mercado”.

A CAMAPE vai continuar com a estratégia comercial. Após Ílhavo, vai regressar a Aveiro, onde irá construir 120 apartamentos e 20 moradias, na Quinta do Prólio, em Esgueira.